

Antiguidades de Tomar

Entre vários objectos que em 1915 se adquiriram para o Museu Etnológico, do espólio de Possidónio da Silva, há uma asa de sítula, de bronze¹, que vai representada na fig. 1, e junto da qual o referido arqueólogo pusera um papelinho com a seguinte indicação: «P. da S., n.º 53, Nabancia, Romano»: provém, pois, da mesma localidade de que provém as antigualhas de que falei n-*O Arch. Port.*, XIX, 146 sgs., e pertence à espécie de asas de que falei *ibidem*, p. 88, a não ser que a presente, além da simplicidade artística, apresenta o aspecto de cabeça de cavalo, e está um tanto deteriorada.

Com a asa de sítula vinha um *pondus* de barro², que represento na fig. 2: tem forma de tronco de pirâmide, e um orifício que o atravessa no tópo, de lado a lado, vendo-se numa das faces um ornato ou marca de forma de X, e na oposta um ornato ou marca de forma de estrela de sete ou oito raios (um dos raios, se o é, não está nítido). As marcas foram feitas antes da cozedura, mas avivadas depois. Este *pondus* não trazia indicação de proveniência, mas atribuo-o também às ruínas da chamada «Nabancia», já por vir com a *asa de sítula*, já, e principalmente, porque o ornato estrelado é igual ao do peso tomarense que publiquei no citado volume d-*O Arch. Port.*, 148, fig. 2.



Fig. 1

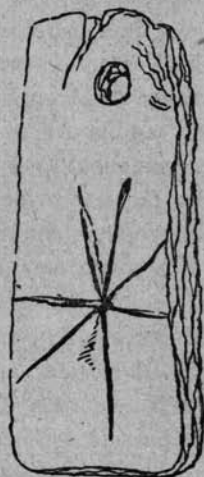


Fig. 2

J. L. DE V.

Visitas de estudo

I

O Museu de Mafra

No convento que D. João V, com a sua louvável megalomania artística de soberano rico, mandou edificar na vila extremenha de

¹ Número de entrada, 6:129.

² Número de entrada, 6:131.

Mafra, foi instalado um museu, que as preciosidades existentes bem e curiosamente forneceram. Num folheto de treze páginas, o Sr. José Queiroz, dirigente dos trabalhos da instalação museográfica, deu conta da forma por que dispôs as peças do mostruário, inaugurado em Maio de 1911¹.

Antes desta exposição pública, determinada pelo Ministério das Finanças, por decreto de Dezembro de 1910, havia já um verdadeiro museu de arte ornamental na *Casa da Fazenda*, junto da sacristia²; nela se arrecadavam em cinco salas, metidos em armários envidraçados, banquetas, — peças de cerimónia do lavapés —, jarros, etc., de latão, estanho, relicários, turíbulo, navetas, custódias, sacras, alfaias religiosas, estofos, etc. de Génova, Nápoles, Milão e França.

Neste convento que tem o nome de *Real Basilica e Convento de Nossa Senhora e Santo António*, mandou D. João V reservar para si, família real e comitiva, uma parte que constituía o palácio. Era no pavimento nobre. Chegou a ocupar mais tarde três linhas de salas; e a fachada principal do convento, torreão a torreão, compreendidos ambos eles, constituía uma delas. Foi nesta parte, extensa galeria de onze salas, com 190 metros, que o *Museu de Mafra* ficou instalado. A seguir, sucedem-se as salas e quartos da Casa Rial, até um salão fradesco ladeado de celas, uma das quais está como a teria deixado um frade saído recentemente.

Na 1.^a sala (A), em armários, mesas, e estantes, estão objectos de baixela e iluminação.

De latão (*chrysovalo*): candeieiros, castiçais, lampeões, palmatórias, perfumadores, tocheiros, etc.; de estanho: galheteiros, colheres, pratos; de louça: barro comum, e faiança com a marca de MAFRA — F.^{RA} — ou — FR.^A

Na 2.^a sala (B): Pano do tipo de Arrás, que representa, segundo a legenda, ALEXANDER | THALESTRIM · AMA | SONUNM · REGI | NAM · RECIPIIT | ; mobiliário do séc. XVIII de embutidos e «conchoidal», mesas, consolas, cadeiras.

Na 3.^a sala (C): sala de estilo do *Império*, em mobiliário e faiança.

Na 4.^a sala (D): paramentos ricos de bordado, das cinco côres do rito, sem pedras preciosas, conforme a regra dos Arrábidos, que

¹ José Queiroz, *Museu de Mafra: Inauguração*, Maio de 1911. Imprensa de Libânio da Silva, de Lisboa.

² No *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portugueses*, de 1882, tomo III, da 2.^a série, n.º 11, pp. 166-169, em artigo de Joaquim da Conceição Gomes, vem informações a conferir.

deviam admirar o próprio rei, e serviram ou existiam, no dia 22 de Outubro de 1730, na festa da sagração da basílica: dalmáticas, capas, casulas, porteiras, etc.; há também relicários, custódias, estantes de côro para cantochão, etc., com obra de talha e relêvo de cinzel.

Na 5.^a sala (E): esta sala tem 25 peças de banquetta de bronze; a cruz tem um baixo-relêvo, que representa a «Ceia de Cristo».

Na 6.^a sala (F), que é a sala dos modelos: modelos muito curiosos e perfeitos de capitéis, de retábulos da igreja, e das estátuas; foram executados de madeira, barro e gesso. Estas obras de estatuária rica são posteriores¹ à sagração da basílica, e vão de 1730 a 1732.

Na 7.^a sala (G): está o badalo do sino grande do carrilhão, que pesa 800 arrobas, e para o qual o badalo pesa 280 quilos; um frontal de coiro relevado e colorido; modelo de madeira do precioso crucifixo de mármore da arquivolta do retábulo do altar-mor, o qual mede 3^m,30.

Na 8.^a sala (H): paramentos, tapetes da Pérsia, de Arraiolos, panos de Arrás, rendas, bordados, louça da Índia, dois esquentadores da velha fábrica do Rato, duas bilhas de louça de Estremoz, um pote de louça moderna com os dizeres de —NIZA | OFFERECE AO MUSEU | DE | MAFRA | .

Na 9.^a sala (I): sala de pintura e escultura antigas: quadros pelas paredes; um presépio colorido, que representa a estrebaria do Natal, com a Família Sagrada, um pastor e uma pastora; estatuetas de fra-des, cinco maiores, dez menores, santos, de madeira.

Na 10.^a sala (J), de pintura moderna: de P. Mattei (Nápoles, 1859), *D. Estephania em Napoles*, de E. Vaushier, *D. Pedro II, Imp.^{or} do Brasil* (1890), de José Queiroz (1891), Luciano Freire (1892), Carlos Reis (1893), Alves Cardoso (1901), A. Mello, etc.

Na 11.^a sala (K), aguarela, desenho e gravura: aguarelas de D. Carlos (1887-1894), de D. Fernando, Casanova, Hans Novack (Madeira, Dezembro de 1892), Henri Calmels, Beaulieu (Lisbonne); carvão de Teodoro da Mota; gravuras, etc.

*

Nas salas do Paço Rial, já fora do Museu propriamente dito, mas expostas ao público, e a seguir às da galeria que o formam, há também valores a apreciar.

¹ *Boletim cit.*, id. Os baixos-relevos dos altares são de mármore português, e as estátuas, pelo menos em parte, são de mármore de Carrara.

1) *Sala de visitas*: grande espelho de Veneza, dois jogos de sofás e cadeiras com embutidos de madrepérola em feitiço de flores, e com dourados; retrato de D. Fernando, por Miguel Luppi, 1875; o de D. Maria II.

2) D. Pedro V a cavalo, de H. Petit, 1855.

3) *Jarra manuelina* de Rafael Bordalo Pinheiro, datada das Caldas, em Fevereiro de 1892, com a legenda, no bôjo enorme, POR MINHA PATRIA, azul, de guarnições amarelas; com um medalhão do Infante D. Henrique; com as caravelas da Índia, etc.

4) Quadro de Lorenzo Decchi, *Adamastor* (navio) da Livorno a Lisboa, 4 de Agosto de 1897.

5) Tinteiro de bronze de P. J. Mêne, 1847, com dois cães.

*

Das onze salas da galeria do Museu quatro têm pinturas no teto, que figuram as expedições e descobrimentos da Índia e América; Cyrilo Volkmar Machado (1796-1806), Francisco Vieira Lusitano, Domingos António de Oliveira Goes, as executaram; eram as «salas das descobertas». As salas ao lado destas tinham frescos mitológicos e alegóricos, pelo teto e paredes. As «salas das descobertas» tiveram nas paredes quadros de Domingos Sequeira (*Almeida derrota o Cutialle em Panane*), Cyrillo (*Albuquerque fortifica Cochim*), Foschini (*Vasco da Gama desembarca em Culecut*), B. Callisto (*D. João de Castro triunfa de Juzar-Kan*), Taborda (*Ant.º da Silveira fez levantar o cerco de Diu*), Vieira Portuense (*Duarte Pacheco defende o passo de Cambalan*). D. João VI, forçado a sair para o Brasil, levou-os consigo, como a muitas outras preciosidades, que por lá ficaram.

Os mármore, para instalação do Museu, foram limpos, e as pinturas ou salas restauradas, bem como alguns quadros¹.

Maio, 1916.

¹ Podem ver-se notícias de Mafra, além das obras já mencionadas, nos *Apostamentos acerca da biographia do notavel architecto da Barreira Real, Palacio e Convento da villa de Mafra*, do Visconde de Sanches de Baena, Lisboa 1881; *Breve noticia dos nomes dos artistas mais celebres que trabalharam no edificio de Mafra, desde a criação do monumento até aos nossos dias*, artigo de J. Conceição Gomes, no *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portugueses*, 2.ª série, 1886, t. v, n.º 1, pp. 12-13, e n.º 2, pp. 17-20; *O convento de Mafra*, de Cardoso Gonçalves, n.º XIII dos «Annaes da Academia de Estudos Livres», Lisboa 1906; Perez Bayer, *Noticias das primeiras viagens em terras de Portugal, «Mafra», séc. XVIII*, que vai ser publicado no *Arch. Port.*, Raczyński, *Les Arts en Portugal*, p. 336, etc.

II

O Museu de S. Nicolau

Na igreja paroquial de S. Nicolau, em Lisboa, foi instalado um Museu de alfaias religiosas, que abriu ao público em Outubro de 1915. No andar superior do edificio encostado ao templo, do lado do Poente, em duas salas, e nas escadas que vão do pavimento inferior, estende-se o mostruário dêsse museu. Com as alfaias, estão expostos todos os objectos necessários ao culto: banquetas, custódias, píxides, tribulos, navetas, sacras e missais, relicários, etc. Todo êste termo provém de alguns dos conventos extintos, e pertence à irmandade do Santíssimo Sacramento de S. Nicolau.

O templo, antes do terramoto de 1755, era rico de imagens, bordados e ourivesaria¹. A catástrofe destruiu-o, salvando-se apenas uma sacristia do lado do Evangelho, onde ainda hoje se conservam as duas únicas imagens, que ficaram ilesas. Os metais fundiram no incêndio, que se succedeu ao terramoto; e dêles foram feitos muitos dos objectos de prata expostos, alguns de bom trabalho, logo após a destruição, quando se principiou «a tratar dos vivos», e o «génio geométrico» do Marquês de Pombal ergueu a cidade nova a régua e esquadro². A alfaia perdeu-se, e de outros conventos e templos, em vida politica do Marquês, como depois dos conventos extintos, foram peças de diferentes «jogos», e «jogos» inteiros, suprir e enriquecer a perda³.

Em armários, encostados à parede⁴, estão dispostos desde a entrada os objectos, avulsos ou colleccionados em série, que seguem, e são de fabrico ou em estilo do séc. XVIII.

a) *Bordados*: Paramento negro de damasco, bordado a ouro e prata, proveniente do convento de Santa Maria de Xabregas: de se-

¹ Tinha um «móvel preciosíssimo». J. Bautista de Castro, *Mappa de Portugal*, 3.^a ed., 1870, vol. III, p. 229.

² J. Bautista de Castro, *Mappa de Portugal*, ed. de 1870, III, 227 e sgs.; D. Rodrigo da Cunha, *História do Bispado de Lisboa*, parte II, cap. 54.

³ Vilhena Barbosa informa que a reedificação terminou poucos anos antes de êle escrever a obra de *As Cidades e Villas*, 1860; o tecto foi pintado por António Manuel da Fonseca, professor da Academia das Belas Artes; cf. *op. cit.*, vol. II, p. 36. Vid. Raczynski, *Dictionnaire des arts en Portugal*, s. v. «Fonseca»; Picotas Falcão, *O Municipio de Lisboa e as casas da sua camara*, Lisboa 1902, p. 104.

⁴ Os armários foram feitos por projecto riscado pelo architecto, Sr. Norte Júnior.

tim branco bordado a ouro e matiz, com capa de asperges, policrómico, do convento de Nossa Senhora do Carmo; paramento de missa cantada, de lhama rósea, bordado, do convento dos Paulistas; paramento completo negro, de damasco, bordado a ouro, de mesmo; panos de púlpito, de lhama dourada, do convento de Alcobaça; paramento branco de setim, bordado a ouro de relêvo alto, do convento da Estrelinha; pálio e umbela, de lhama e ouro, de Xabregas, comprado ao Estado, em papel moeda, por 600\$000 réis; paramento completo de missa cantada, de lhama dourada, semeada de rosas e conchas, do convento dos Loios (sete capas)¹; alvas de rendas de França²; pálio de damasco e ouro, da Irmandade do Santíssimo de S. Nicolau; paramento verde, de sêda estampada a ouro; outro vermelho, de damasco e ouro, do «Padrão da Bemposta», criado no tempo de D. João V para a alfaia da Bemposta, provindo do convento da Graça, com sete capas; outro, de missa cantada, vermelho, fabricado em Braga; frontal de lhama dourada, bordado a matiz e ouro, com as siglas dos Padres Jesuítas (I H S), de S. Nicolau; véu branco de custódia, bordado a matiz, ouro e lantejoulas; paramento roxo, o primeiro que a Irmandade mandou fazer depois do terramoto; pavilhão de píxide; paramento de D. João V, de lhama e dourados; panos da Índia, do tipo dos «bordados a papel», etc.

b) *Metal*: Salva de cobre prateado, do séc. XVIII, que foi do convento de Nossa Senhora dos Remédios, a Alfama; cálices lisos, caldeirinha, turbulo de prata, da Irmandade; seis relicários de cobre cinzelado, com quatro anjos ao lado do edículo, decoração, de «conchoidal», e grinaldas; bandeja de lavabo da *Fabrica de S. Nicolau de Lx.^a*; salva de prata, a primeira que a Irmandade mandou fazer depois do terramoto, de cinzelado alto, levantado por trás na lâmina delgada; cruz de prata da capela da Terra Santa, do convento de S. Francisco da Cidade, com incrustações de madrepérola; sacras de prata com molduras de madeira aberta, com flores, scenas da Paixão, em placas de madrepérola; cruz com as imagens de S. Francisco e os Evangelistas, esculturais, cinzeladas, com a legenda: HE DA IRMANDADE DO SS.^{MO} DE S. NICOLÁO; píxide, báculo, de bronze

¹ Estes bordados da Estrelinha foram feitos na antiga fábrica Ramires, de Lisboa. Em setim nacional, para restauro recente, applicaram-se os bordados ainda bem conservados, e de côres vivas; só as espigas, que neles se vêem, são novas bordados.

² Foram oferecidas estas alvas pelo Sr. António Rafael, que foi mesário da Irmandade.

cinzelado; custódia grande, de prata, com figuras douradas, ou não, base triangular, festões decorativos, proveniente de Santo António dos Capuchos; relicário de cobre dourado, que tem a data de 19 de Março de 1739, de Roma, e tem reliquia de S. Nicolau; salva de latão, elíptica, de relevos, com figuras em um palanque ao redor de uma árvore; outra *Offerecida a S.^{to} Eloy por diferentes devotos ourives em 1 de Dezembro, de 1877, Lisboa*, do Hospício de Santo Elói¹, dos ourives; custódia de prata dourada, de bom trabalho decorativo, da Irmandade; dois relicários de latão e vidro; porta-paz de prata, de bom cinzel, do séc. XVIII, da Estrelinha; castiçais de bronze; candelabro de pontifical, etc.

c) *Madeira*: Crucifixo da «adoração da cruz», na Sexta-feira Santa; cofre de talha dourada, de uso na Sexta-feira Santa; relicário de talha prateada, proveniente do convento do Carmo; doze castiçais de pau santo, da Semana Santa, que pertencem à Irmandade; relicário de talha, do convento de Nossa Senhora da Esperança; quatro estatuetas, de talha dourada, dos Apóstolos, vindo do convento de Nossa Senhora da Encarnação, de Rilhafoles; mais seis, dos Apóstolos, duas portanto repetidas, da Irmandade de S. Nicolau; nas escadas, um grande candeeiro de trevas, de pau ferro, entalhado, que tem a data de AN · DN · M · DCCC · VIII; etc.

c) *Louça*: Três jarras para flores, piramidais, de forma truncada, base menor por baixo, a superior cheia de orifícios para segurar as flores, adornadas de festões de estilo francês, e na frente as armas conjugadas da Misericórdia e de Portugal (provêm do convento de S. Vicente); jarrões da Índia e da China, brancos e dourados; jarras da Índia, cilíndricas, côr de rosa e douradas; jarrões, bojudos, de largo bocal, azuis floridos; lavabo da Fábrica do Rato, colorido de azul e amarelo e rôxo (côr de vinho), da Irmandade, etc.

d) *Livros*: *Estatutos | da pia, e devota Congregação | da | Caridade | Instituida na igreja paroquial de S. Nicolao | desta cidade de Lisboa | publicados | pelo provedor, e mais irmãos | congregados, | a qual debaixo do patrocínio do mesmo Santo | offerecem, e dirigem | Aos RR. Parocos | da Monarquia Lusitana, | Lisboa, na officina de Francisco Luiz Aveiro, Impressor da Congregação Camararia da Santa Igreja de Lisboa— M · DCC · L |.*

Missal romano, da *Tipus Sacrae Congregationis de Propaganda Fide*, Anno M · DCC · XIV; com desenhos e gravuras de Cyrus Farus,

¹ J. Bautista de Castro, *Mappa de Portugal*, 1870, vol. III, p. 140.

C. Bloemaert, Hieronymus Frezza (Roma. 1708); etc., proveniente do convento dos Paulistas;

Canon missae pontificalis, Romae, Ex Typographia Vaticana apud Joannem Mariam Salosoni, M. DCC. XXV.

e) *Quadros*: Um quadro alegórico com a legenda *VMBRAM HABVIT LEX FVTVR · RVM BONORVM*, e um pastor, «Santo Agostinho»; «*Ecce Homo*», «cabeça de Cristo»,—pintados em tábua; «A Apresentação no Templo», «Virgem do Rosário»; «Virgem com o Menino»,—pintados em cobre, o segundo de bom valor; «Adoração dos Pastores», curioso exemplar de pintura em pedra; «Aparição de Cristo» a uma freira, de tela; baixo relêvo de cobre, que figura a «reunião no Cenáculo».

f) *Escultura*: «Presépio» de marfim, com as scenas dispostas por andares, no primeiro o «Natal», no segundo a *Fonte da Vida*, Anjos, dois Evangelistas (?), a Santíssima Trindade, onde o Filho é simbolizado pelo *Bom Pastor*; está dentro de uma redoma; outro «presépio», curioso pela minúcia de realismo, com muitas pedras, árvores, caracóis sobre elas, um pastor em adoração ao Menino que está sentado: resguarda-o uma redoma, e pertence à Irmandade.

g) *Móveis*: Cadeiras de encôsto decorado de pinturas floridas, no estilo usado no tempo de D. João V; uma cadeirinha para transporte de doentes para o hospital, nas escadas; etc.

h) Na sacristia do Evangelho mostram-se ainda: um relicário dado por D. João V aos frades do convento de Rilhafoles, que tem ao centro o retrato de S. Vicente de Paula, de magnifico trabalho de pintura; uma credência de mármore do convento da Boa Hora, comprada pela Irmandade; e as duas imagens que escaparam ao terramoto e ao incêndio: de S. Nicolau e de Nossa Senhora da Soledade da Roca.

i) No baptistério é curioso o relicário cheio de relíquias, imagens de escultura de madeira, barro, e marfim, de pintura em cobre, baixos-relevos, numa profusão de minúsculas obras de arte; a capela, chamada «da Terra Santa», pertenceu ao Hospício franciscano do mesmo nome, junto do convento de S. Francisco da Cidade¹.

*

Todos os objectos expostos no Museu, hoje pertença da Irmandade do Santíssimo de S. Nicolau, foram colocados e postos em ca-

¹ J. Bautista de Castro, *Mappa de Portugal*, 3.^a ed., 1870, vol. III 'pp. 222 e 223.

dastrado pelo Sr. Augusto Anselmo, e uma lápide de mármore, presa na parede da sala grande do Museu, evoca, em letreiro de caracteres dourados, a data da abertura e o nome do organizador. A este cavalheiro agradeço as informações que me deu durante a minha visita, e a boa vontade com que me atendeu.

Maio de 1916.

III

O Mosteiro da Serra de Ossa

A Serra de Ossa desenvolve a sua linha média na direcção de NO-SE, aproximadamente. Em um recheço da quebrada meridional, em frente da vila do Redondo, a meio da frondosa mata de freixos, alandros e pinheiros, aconchega-se o convento franciscano¹ da Ordem dos Eremitas de S. Paulo. Lugar próprio a adequação à meditação, cheio do silêncio do arvoredado sombrio, e das águas abundantes, fica a meia encosta, entre a Serra de S. Gens, coroada de uma ermida do santo, que o onomástico indica, acolhida outrora pelos peregrinos², e a Serra ou Monte Virgem, que é o ponto culminante da elevada Serra de Ossa³, com a cota de 649.

O templo faz corpo com o edificio do mosteiro. A fachada avança o paramento sobre elle, e ao ângulo exterior, esquerdo, forma a torre, quadrada, de quatro sineiras, que não ultrapassa muito o telhado. A entrada, por um portal simples, é recuada; forma-lhe o pavimento do côro um espaçoso vestibulo, aonde se sobe por meia dúzia de degraus corridos.

Nesta quadra, à esquerda, lê-se uma inscrição em português, extensa, aberta em lápide de mármore de Estremoz, cuja forma é rectangular, colocada horizontalmente, com os dois ângulos superiores chanfrados por curvas simétricas, que deixam apenas ao centro o terço médio do lado, à maneira de sanefa; em baixo, como orla, tem

¹ Bluteau, no *Vocabulario Portuguez*, s.v. «Serra de Ossa», t. VII, p. 610, afirma que os frades deste mosteiro são da regra de Santo Agostinho. A inscrição do mosteiro (vid. adiante) diz na 9.ª linha: DA NOSSA ORDEM DE S. FRANCISCO.

² P.º Luis Cardoso, *Diccionario Geographico*, 1751, t. II, p. 402, s.v. «Canal».

³ Cf. a *Carta Geologica de Portugal*, de Nery Delgado e Paul Choffat, 1899. No alto do Monte Virgem está o marco geodésico. Para os lados de Sousel a estes marcos chamam *pirongas*; na Serra dos Caixeiros há um destes marcos, e tomou por isso no onomástico local o nome de *Serra da Pironga*. *Serra* equivale a *monte*, para evitar confusão, onde *monte* é casal.

uma faixa saliente rectangular, interrompida em curva, ao centro, para carga de duas palmas em aspa.

A leitura da inscrição, a que suprimo as letras, inclusas, é a seguinte, em dezassete linhas correspondentes às do texto:

NA ERA DE 1798 EM O PRIMEIRO DIA DE SETEMB-
RO NO VIGESSIMO TERCEIRO ANNO DO PONTIFICA-
DO DO S[ANTISSI].^{MO} PIO 6.^O EM O VIGESSIMO PRIMEIRO ANNO DO REINADO
DA RAINHA DE PORTUGAL.² D. M[ARI].^A PRIM[IEI]R.^A N[OSS].^A S[ENHOR].^A, GOVERN[AND].^O ESTA MONAR-
CHIA SEU FILHO O P[RI]NCIPE. DO BR[AI]Z[I].² O S[ÑR]. D. IOAO, PELA MOLESTA DA D[IT].^A S[ÑR].^A SE-
NDO ARCE[BIS]P.^O METROPOLITANO D'EVORA O EX.^{MO} D. IOAQ[UI].² XI[AVI]E.² BOTELHO DELMA DA
CAZA DOS CONDES DE S. MIGUEL, VEIO SAGRAR A IGR[EJ].^A DESTE MOSTEIRO DA SERRA D'OSSA CA-
BEÇA DA ORDEM DE S. PAVLO PR[IM]EIR.^O EREMITA P[IO].² COMMISSÃO, E EMPEDIM[EN]T.^O DO D[IT].^O METROPOLITANO O
EX.^{MO} D. FR. MANOEL DO CENACULO VILLAS BOAS, BISPO DE BEJA DA CONGREGAÇÃO DA N[OSS].^A ORDEM DE S. FR[ANCIS]C[O].
SENDO REITOR GERAL DA ORDEM O RV.^O P. PREGADOR IVILADO FR. MANOEL DE S. CAETANO DAMAZIO, ELE-
ITO E CONFIRMADO EM REITOR GERAL NESTE MOSTEIRO, AOS TRES MESES DO SEV GERALADO, CVIV MO-
STEIRO FOI FVNDADO EM O ANNO DE CHRISTO DE 315, E REEDIFICADO EM 1182, 1400, E 1578: O DITTO EX.¹
M.^O BISPO DE BEJA CONCEDE A QUEM VISITAR ESTA BAZILICA NO DIA ANNIVERSARIO DA REFERIDA
SAGRAÇÃO QVARENTA DIAS DE INDVLGENCIA: O EX.^{MO} ARCEBISPO DE DAMIATA NVNCIO APOS-
TOLJCO CONCEDE NO MENCIONADO DIA MAIS CEM DIAS DE INDVLGENCIA, ORÁNDO PELA EXALTA-
ÇÃO DA FE CATHOLICA, ESTV[PE]IFA[C]IÇÃO DAS HEREZIAS, SAVDE DE SVA SANTIDADE, PAZ, DA GLO-
RIA, E AVGMENTO DA NOSSA MONARCHIA: TVDO NA FORMA DO COSTVME

O edificio devia estar muito arruinado, para sofrer tam grande reedificação que se não distinguem vestígios claros das primeiras fábricas. As últimas obras conventuais tiveram lugar, como se depreende da lápide transcrita, nos fins do séc. XVIII, e foi sagrado o templo no dia 1 de Setembro de 1798. As antecedentes tinham sido em 1578, e, se medeiam dois séculos, muita mudança ou muita ruína o edificio sofreu, porque hoje desde todo o pormenor externo da mole imensa de uma architectura rasa e árida, até o interior com revestimentos cerâmicos, esculturas de barro, tanques, vasos e elementos esculturais de mármore, tudo é harmónico; e não faz lembrar uma reedificação, mas antes uma fundação, do séc. XVIII.

Bluteau, no *Vocabulario Portuguez*, na voz «Serra de Ossa», menciona as quatro datas de obras no mosteiro, e só a terceira não condiz com a da lápide, pois dando-a esta para 1400, em números redondos, ele precisa-a, resta saber se com justificação, em 1434, o que dá um *differendum* de 34 anos.

O templo tem uma só nave, de abóbada de bérço, pintada de frescos que a humidade e o abandono vão levando. Embora rudes, de

¹ EX-M.^o é abreviatura e passagem de linha de EXCELENTISSIMO, ou seja = EX.^{mo}, como na 6.^a linha e na 9.^a

desenho grossciro e tintas tam ordinárias como de má gama, era curioso conservá-los, pela apreciação da escala que êsse género de pintura teve por toda a região, desde o concelho de Sousel, pelo menos, por Estremoz, até ali. Abaixo voltarei a êste assunto. De cada lado tem a nave dois altares, sob arcos de cintra. O altar-mor tinha um retábulo, pintado como a abóbada, e era guarnecido de bom mármore. Os entre-arcos, a arquitrave, todos os espaços livres são guarnecidos de azulejo historizado, do tipo do séc. XVIII, pintura azul em campo branco, provida de legendas.

Entre os arcos, as figuras dos azulejos, em duas alturas, são as dos quatro Evangelistas: à esquerda, S. Lucas com o touro, e S. Mateus com o anjo alegórico; à direita, S. Marcos e o leão, e S. João com a águia. Fora disso, à direita, ANTONIVS IM MONTE SANCTI PAVLI, e CHRISTI MARTYRIA PORTAT; à esquerda, DRAGONEM FERIT IN DESERTO, e INTER SPINAS QUIESCIT. São passos do agiologio dos santos eremitas.

No altar-mor, ao lado dos degraus, no espelho da plataforma, há duas lápides laudatórias: a da esquerda, de M[ANV].^{EL} POVZADA ZVZARTE, COMMENDADOR DE ORDEM DE CRISTO, DE MONFORTE; a da direita, de GASPAR ZVZARTE, ALCAIDE MOR DE AVIS E SETVVAL, COMMENDADOR DE AZEITAM, CAPITAO MOR DA ARMADA QUE D. JOÃO II MANDOV A FAZER VMA FORTALEZA NA COSTA DA BARBARIA, PADROEIROS DA CAPELLA DE S. PAULO, 12 DE 9^{MO} DE 1632.

No claustro de baixo há vestígios de grande escultura de barro do séc. XVIII. Aos cantos estão rasgados dois nichos em cada um, de 3 metros de comprido, pouco mais ou menos, no cimo talhados em arco abatido, apenas separados por uma faixa de parede nos ângulos. No espaço fundo vêem-se os torsos pintados dos corpos das estátuas de eremitas, que povoavam os nichos. Nenhuma destas estátuas, aproximadamente do tamanho natural, e de barro, está ainda completa; alguma com cabeça tem-na escalavrada. Um dos nichos representava o deserto, com uma palmeira num montículo de pedras, e dois leões; dois eremitas ajoelhavam em oração. No que resta, estes oito nichos ainda evidenciam um carácter precioso de limitação artística da escultura setecentista, na profusão, no tamanho, no estilo, na adaptação religiosa, na expansibilidade, etc.

«Há trinta anos ... no Bussaco ... as capellas de Via dolorosa »continham ainda inteiras e pintadas de vivas côres as figuras tradi- »cionais dos passos do Salvador ... Passavam porém os annos ... »No interior das capellas arruinadas jazem em confusa desordem »os membros mutilados e dispersos das figuras ...». Assim falou Fe-

lpe Simões, de estátuas similares do Bussaco¹, que param no mesmo estado das do mosteiro dos Paulistas.

Também Albrecht Haupt menciona riquezas desta escultura no convento de Alcobaça, que, com o de Santa Cruz de Coimbra, mas mais activamente, foi o gérme ou a génese da escultura do barro (XVII-XVIII)².

Ao meio do *viridarium* do claustro está um grande tanque de mármore, de aparelho boleado, característico do estilo então usado.

Na escadaria interior para o piso de cima, o rodapé de azulejos continua-se desde o primeiro degrau, com as mesmas representações de milagres e actos da vida dos Santos eremitas e passos da vida de Cristo. Seguem-se os letreiros para cada quadro, que figura ao natural, com personagens, povoados ou desertos, a scena da evocação. Em alguns, sendo religioso o carácter comum das representações neste revestimento artístico, apparecem de fugida costumes populares de bailados, indumentária, caça, mas como simples pormenor adstrito ao painel, a completar-lhe o significado: como por exemplo no quadro VENI AD ME OMNES QUI LABORATIS, que é uma catequese. Há as tentações de Santo António, um PAVLVS EREMITARVM MAGISTER³. Para a esquerda e para a direita, em infinda sucessão de salas, o rodapé apenas se interrompe nos vãos. Na ala voltada a Nascente, para onde se passa pelo claustro superior aberto, há uma galeria enorme, ladeada de celas; de um e outro lado tem trinta e três painéis de azulejo, em rodapé, separados por pilastras na mesma pintura, e metidos em molduras ricas de flores e frutos, com as legendas de versículos da Bíblia, ou dela tirados, em escudos (*cartouches*) que se imiscuem na decoração de *rocaille* das molduras. São dèste teor as legendas: HOSSANNA FILII BIVIO | BENEDET[V]S | QUI VE | NIT IN NOMEN DOMINI; ou AVE REX IVA AEORVM; ou CRVCI FIGATVR; ou A PREHENDIT PILATVS SESVM ET FLAGELAVIT; ou APPARVIT EIANG- | OEVS CENFORTEM SEY | M. | etc. Ao fundo um terraço quadrado, cheio de azulejos, dá para a mata, uma porta para cada lado, bancos à roda, uma grande vasca em forma de concha, que recebe água

¹ Filipe Simões, *Escriptos diversos*: «A fonte fria do Bussaco», Coimbra 1888, pp. 197-198.

² Albrecht Haupt, nos *Serões*, 2.ª série, vol. v, 1907: «A Renascença em Portugal», pp. 38 a 40. Cf. Raczyński, *Les Arts en Portugal*, p. 438.

³ Um sino da igreja dos Paulistas, em Lisboa, tem uma inscrição com esta mesma legenda. (*Boletim da Associação dos Archeologos Portugueses*, n.º 1, t. XII, 5.ª série, 1910, p. 42, artigo de I. J. de Ascensão Valdez).

de um mascarão, um busto em cima de cada arco em que cada parede do recinto finda.

Pelo claustro há ferros forjados de suspensão de lampeões, prismáticos, terminados em cabeça de cobra ou javardo; guarnições helicoidais; ferros de janclas, grades, esferas enroladas de sacada, escudetes, etc.

No *dia da espiga*, quinta-feira da Ascensão, faz-se dos arredores uma romaria ao mosteiro de Ossa. Ai se junta muito povo, que dança e canta pela nave do templo, nos claustros, nas salas, por toda a parte onde à sombra possa dançar e cantar e tocar harmonium.

Fôra andam à venda os cravos de papel, que em toda a festa alentejana, romaria ou feira, são obrigados. Perderam a feição primitiva de cravos de papel de côres, para se transformarem em flores complicadas de penas coloridas de verde, vermelho, de estrêlas de fio prateado, aves de papel colorido poisadas nelas,—e, hoje como sempre, tem a quadra no papelinho, que se enrola no pé. Como em Lisboa, na Praça da Figueira, pelos festejos populares de Santo António, S. João e S. Pedro, também os cravos cederam o lugar a outras flores como o amor-perfeito de pano ou papel.

Três exemplos, em que, como se vê, há sempre menção das flores:

Foi de noite que êste cravo
Ao luar eu fui colhêr,
Foi também à luz da lua,
Que teus olhos pude ver.

Costumado a ver ingratas
Já não creio em tuas juras,
Mas se o raminho m'aceitas
Treí dos céus às alturas.

Agora mesmo êste cravo
Comprei p'ra te oferecer,
Aceita-o é a promessa
De te amar até morrer.

Na descida da serra, para o concelho de Estremoz, encontra-se um edificio fradesco, à beira do caminho, que logo lembra o mosteiro deixado. Foi efectivamente pertença dos frades paulistas. Conta João Baptista de Castro¹, que os anacoretas de S. Marcos, estabelecidos pela Serra de Ossa no séc. III, se reuniram em cenóbio no século immediato por proposta de um deles, chamado Lázaro. Como precisavam de claustro, erigiram o primeiro mosteiro da Ordem, que foi a primeira edificação no local onde está hoje a quarta; foi isto por 315, segundo Bluteau², e a inscrição que transcrevi, que é a biografia do

¹ J. Baptista de Castro, *Mappa de Portugal*, 1870, vol. II, pp. 68-69.

² Bluteau, *Vocabulario Portuguez*, in *loc. cit.*

mosteiro. Os frades acudiram, e a casa não teria sido grande. Houve logo urgência de um segundo convento. Em um valezinho, no sopé do monte de S. Gens, que chamaram Vale de Lázaro, em homenagem ao anacoreta que deu origem à ordem, edificaram outra casa, em 321, com a invocação de Santo Antão. Foi reedificada em 1372, e serviu de casa de noviciado da Ordem. D. João IV mandou-a destruir e fez outra, a actual¹, no mesmo sítio da antiga conhecido já pelo nome de Val de Infante; passou a servir de hospício². O edificio está em parte arruinado, e em parte aproveitado em moradia e *villa fructuária*, o que corresponde ao *monte*. A capela era adornada de frescos como a do convento da Serra; sem teto, que era de abóbada de berço, a água da chuva e o sol dão cabo do que resta, onde se divisam ainda figuras com legendas, hirtas, angulosas, que formavam o retábulo do altar-mor; serve de curral. É outro lugar a examinar ou a contar na área dessa escola sertaneja de pintura rude e anaerónica.

Abaixo, meio caminho para Extremoz, fica a velha povoação do Canal, em terras da Casa de Bragança. Foi concelho, e tem erguido o seu emblema no *pelourinho* de granito, da região do Redondo; é rude, um simples monólito cilíndrico a segurar uma esfera de diâmetro igual, que constitui estudo à parte.

Junho de 1916.

LUÍS CHAVES.

Pinturas parietais em capelas mediélicas

(Estudo do Alto-Minho, XXII)

I.—A capela de D. João Domingues, nos Arcos de Valdevez

1. A sua architectura.—2. As campas.—3. Os frescos.—4. A antiguidade da construção.—5. A instituição da capela.—6. A dinastia dos administradores.—7. O primitivo lugar dos Arquos.

1

A vila dos Arcos de Valdevez é uma povoação cujos edificios não vão além do séc. XVII; nesta centúria, as chamas vingativas de um incêndio, lançado pela soldadesca do general espanhol D. Baltasar Pantoja em um dia fatal de Agosto de 1662, lamberam e destruíram

¹ P.^o Luís Cardoso, *Diccionario Geographico*, in *loc. cit.*

² *Id., id.*